CADERNOS do APLICAÇÃO
Pesquisa e Reflexão em Educação Básica

ISSN 2595-4377
https://seer.ufrgs.br/CadernosdoAplicacao
Porto Alegre | v. 38 | n. 1 | 2025
https://doi.org/10.22456/2595-4377.148770

>>Revisão da Literatura

As danças nas aulas de Educação Física Escolar: tematização e problematização de experiências político-pedagógicas em uma perspectiva inclusiva e contra-hegemônica

Camilly dos Santos Oliveira [1]
Daniel Teixeira Maldonado [2]

Resumo:
Este trabalho teve como objetivo compreender como as danças têm sido tematizadas e problematizadas nas aulas de Educação Física Escolar sob uma perspectiva inclusiva e contra-hegemônica. Para tanto, a pesquisa foi construída por meio de uma revisão bibliográfica de caráter qualitativo, embasada na análise de relatos de experiências pedagógicas publicadas em artigos científicos e livros. A análise temática das experiências selecionadas resultou em grandes temas geradores: diversidade cultural, superação de preconceitos e a tematização das danças na Educação Física Escolar; a construção da identidade negra e a problematização das desigualdades sociais nas vivências de dança na Educação Física Escolar; e problematizando as relações de gênero e sexualidade em projetos educativos que envolvem as danças na Educação Física Escolar. No total, foram analisadas 37 experiências pedagógicas, que evidenciam a pluralidade de possibilidades que a dança oferece para a formação crítica e politizada dos(as) estudantes. O estudo conclui que, ao romper com práticas tradicionais e biologizantes da Educação Física Escolar, a dança se consolida como uma prática da cultura corporal potente para a formação integral de estudantes autônomos(as), críticos(as) e comprometidos(as) com a construção de uma sociedade mais justa, equitativa e plural.

Palavras-chave: Práticas Pedagógicas Inclusivas. Marcadores Socioculturais. Educação Física Escolar. Danças.

Dances in Physical Education classes at school: thematization and problematization of political-pedagogical experiences from an inclusive and counter-hegemonic perspective

Abstract:
This study aimed to understand how dance has been thematized and problematized in Physical Education classes from an inclusive and counter-hegemonic perspective. To this end, the research

[1] Licenciada em Pedagogia pelo Instituto Federal de São Paulo - campus Jacareí. E-mail: camilly.santos@aluno.ifsp.edu.br . ORCID: https://orcid.org/0009-0008-0802-0766
[2] Doutor em Educação Física. Docente do Instituto Federal de São Paulo - campus Jacareí. E-mail: danieltmaldonado@yahoo.com.br. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-0420-649

was constructed through a qualitative literature review, based on the analysis of reports of pedagogical experiences published in scientific articles and books.The thematic analysis of the selected experiences resulted in major generating themes: cultural diversity, overcoming prejudice, and the thematization of dance in Physical Education; the construction of Black identity and the problematization of social inequalities in dance experiences in Physical Education; and problematizing gender and sexuality relations in educational projects involving dance in Physical Education. In total, 37 pedagogical experiences were analysed, which highlight the plurality of possibilities that dance offers for the critical and politicized development of students.The study concludes that, by breaking with traditional and biologizing practices of School Physical Education, dance consolidates itself as a powerful body culture practice for the integral formation of autonomous, critical students committed to building a more just, equitable and plural society.

Keywords: Inclusive Pedagogical Practices. Sociocultural Markers. School Physical Education. Dances.

Danzas en las clases de Educación Física escolar: tematización y problematización de experiencias político-pedagógicas desde una perspectiva inclusiva y contrahegemónica

Resumen:
Este trabajo tuvo como objetivo comprender cómo las danzas han sido tematizadas y problematizadas en las clases de Educación Física Escolar desde una perspectiva inclusiva y contrahegemónica. Para ello, la investigación se construyó a través de una revisión bibliográfica cualitativa, basada en el análisis de relatos de experiencias pedagógicas publicadas en artículos científicos y libros.El análisis temático de las experiencias seleccionadas arrojó como resultado grandes temas generadores: diversidad cultural, superación de prejuicios y tematización de las danzas en la Educación Física Escolar; la construcción de la identidad negra y la problematización de las desigualdades sociales en las experiencias de danza en la Educación Física Escolar; y problematizar las relaciones de género y sexualidad en proyectos educativos que involucran la danza en la Educación Física Escolar. En total se analizaron 37 experiencias pedagógicas que resaltan la pluralidad de posibilidades que la danza ofrece para la formación crítica y politizada de los estudiantes. El estudio concluye que, al romper con las prácticas tradicionales y biologizantes de la Educación Física Escolar, la danza se consolida como una poderosa práctica de cultura corporal para la formación integral de estudiantes autónomos, críticos y comprometidos con la construcción de una sociedad más justa, equitativa y plural.

Palabras clave: Prácticas Pedagógicas Inclusivas. Marcadores socioculturales. Educación Física Escolar. Bailes.

1 Introdução

A inclusão na Educação Física é um tema de crescente relevância no campo da pedagogia e da educação, uma vez que desafia as estruturas tradicionais e promove a igualdade de oportunidades no contexto escolar, sendo assim considerada um ato político. No entanto, essa abordagem não pode ser tratada de maneira simplista, pois implica em um conjunto de desafios e complexidades que precisam ser cuidadosamente problematizados. Dessa forma, se torna preponderante efetivar uma prática político-pedagógica inclusiva nas aulas de Educação Física Escolar, destacando as questões fundamentais que envolvem esse processo e a necessidade de aprofundar essa discussão (JUCÁ; MALDONADO; FONSECA, 2025).

Defendemos a participação plena de todos(as) os(as) estudantes, independentemente de suas habilidades com a vivência das práticas corporais, necessidades educacionais

específicas ou características individuais na Educação Física no contexto escolar. Essa perspectiva visa superar as barreiras que historicamente têm segregado educandos(as) nas aulas do componente curricular, desfavorecendo a ampliação da sua leitura de mundo sobre os saberes produzidos pela humanidade que envolvem as manifestações da cultura corporal. No entanto, a organização de uma experiência educativa inclusiva envolve pensar em todos os sujeitos que estão inseridos na escola contemporânea, colocando em evidência os marcadores socioculturais de raça, gênero, religião, deficiência e classe social que atravessam as danças, lutas, ginásticas, esportes, jogos e brincadeiras (JUCÁ; MALDONADO, 2024).

Uma prática político-pedagógica inclusiva na Educação Física desafia a ideia convencional de que todos(as) os(as) estudantes podem ser tratados da mesma forma e ampliar a sua aptidão física, pois uma aula nessa perspectiva reconhece a diversidade de corpos, capacidades e necessidades, exigindo uma ação didática que pretende formar sujeitos emancipados e solidários (YAMAMOTO; JUCÁ; MALDONADO, 2024).

Para atingir esse objetivo, os educadores e as educadoras precisam conhecer com profundidade as teorias pedagógicas da Educação Física para identificar o tipo de sociedade e ser humano que cada uma delas pretende construir (MALDONADO; FREIRE, 2022), pois dessa forma esses(as) professores(as) poderão pensar em aulas com a participação efetiva de todos e todas. Isso implica em uma constante atualização e reflexão sobre as práticas político-pedagógicas, bem como na superação de estereótipos e preconceitos que podem influenciar as intervenções didáticas realizadas na escola.

Dentro as diversificadas perspectivas curriculares produzidas por educadores(as) da área nos últimos 40 anos, os currículos crítico-superador (SOARES *et al.,* 1992), cultural (NEIRA, 2018) e crítico-libertador (MALDONADO; PRODÓCIMO, 2022) se destacam por considerar os temas da cultura corporal como objeto de estudo da Educação Física, compreender o componente curricular no campo das linguagens e defender um projeto de sociedade com mais justiça social, apesar das suas diferenças no campo epistemológico, político e pedagógico.

Na perspectiva das tendências pedagógicas apresentadas, a inclusão não se limita à presença física de todos(as) os(as) estudantes nas aulas, mas se estende ao reconhecimento e respeito às singularidades de cada um(a). Dessa forma, a Educação Física pode ser um componente curricular que possibilita a leitura densa do mundo, permitindo que os(as) discentes compreendam e questionem as dinâmicas sociais presentes nas práticas corporais.

Nesse cenário, a Educação Física Escolar, no contexto contemporâneo, tem sido marcada por uma diversidade de práticas corporais voltadas para a leitura crítica e politizada dos(as) estudantes sobre os temas da cultura corporal (FONSECA; SILVA; SANTOS, 2023). Todavia, tradicionalmente as práticas político-pedagógicas dessa disciplina foram orientadas por uma visão instrumental, em que atividades como esportes e ginástica predominaram (BRACHT, 1999). Dentro desse contexto, a dança, quando presente nas aulas, era frequentemente reduzida a um mero instrumento para o desenvolvimento de habilidades motoras, sem considerar sua rica dimensão cultural e expressiva. Essa visão limitada restringe o potencial dessa manifestação da cultura corporal como uma prática educativa transformadora (DINIZ *et al.,* 2017).

Quando compreendida como uma expressão artística e cultural, a dança desempenha um papel essencial na formação educacional dos(as) estudantes, especialmente quando tratada como tema da Educação Física Escolar. Ao abordá-la sob a perspectiva da cultura corporal, transcende o campo do desenvolvimento físico e adentra os domínios da formação

social. A presença dessa manifestação da cultura corporal na educação escolar permite que os(as) educandos(as) compreendam e reflitam sobre elementos simbólicos, históricos e identitários que estão intrinsecamente relacionados às práticas corporais, favorecendo uma educação que valoriza a diversidade cultural e promove a inclusão. Sobre esse aspecto, Brasileiro, Fragoso e Gehres (2020, p. 8) destacam que "é na educação que ela vem ampliando seus estudos, a fim de contribuir com a formação de crianças e jovens na educação básica".

A abordagem dessa prática corporal como tema curricular transforma as aulas de Educação Física em espaços de inclusão e reflexão, no qual os(as) estudantes têm a oportunidade de questionar estereótipos e preconceitos e, acima de tudo, vivenciar a diversidade. Assim, a dança se apresenta como uma manifestação da cultura corporal que pode formar cidadãos e cidadãs críticos(as) e conscientes, capazes de compreender e valorizar a riqueza das manifestações que os(as) rodeiam (DINIZ; DARIDO; FIORAVANTI, 2013).

As experiências político-pedagógicas que evidenciam a dança para problematizar temas culturais e sociais configuram-se como importantes instrumentos para a promoção da educação inclusiva, sendo essa problemática já enfatizada em estudos que observaram especificamente pessoas com deficiência e que carregam diferentes marcadores socioculturais contemporâneos (BRASILEIRO; FRAGOSO; GEHRES, 2020).

Sendo assim, o problema de pesquisa que orienta este estudo é: "como que os(as) docentes de Educação Física que possuem uma prática político-pedagógica politizada[3] produzem experiências educativas com a dança nas aulas do componente curricular?"

À vista do que foi apontado, o presente trabalho possui como objetivo compreender como as danças têm sido tematizadas e problematizadas nas aulas de Educação Física Escolar sob uma perspectiva inclusiva e contra-hegemônica. A partir de uma análise de diversas experiências pedagógicas produzidas por educadores(as) de Educação Física, buscamos entender os métodos, desafios e benefícios da inclusão da dança no currículo escolar, considerando diferentes contextos sociais e culturais.

A perspectiva contra-hegemônica adotada neste trabalho, inspirada no estudo de Maldonado e Neira (2022), desafia a visão tradicional e restritiva da dança, propondo uma ressignificação das experiências com essa temática no contexto escolar. A pesquisa busca identificar experiências político-pedagógicas inclusivas e politizadas que possam servir como reflexão para a transformação da função social da Educação Física, tornando a dança uma parte integral e valorizada do currículo escolar.

2 Metodologia

Esta pesquisa se caracteriza como uma análise qualitativa de caráter bibliográfico (LIMA; MIOTO 2007), voltada para a compreensão de experiências político-pedagógicas relacionadas à tematização das danças na Educação Física Escolar sob uma perspectiva inclusiva e contra-hegemônica, utilizando como base teórica os currículos crítico-superador, crítico-libertador e cultural da Educação Física.

O estudo foi desenvolvido a partir da revisão de literatura e da análise de relatos de experiências sobre a inserção da dança na Educação Física Escolar, publicados entre os anos

[3]Experiências político-pedagógicas que tematizam e problematizam os marcadores socioculturais contemporâneos (gênero, raça e desigualdades socioeconômicas) que atravessam as práticas da cultura corporal.

de 2010 e 2024, em revistas científicas da Educação/Educação Física e livros organizados por grupos de pesquisa que estudam a realidade das aulas do componente curricular no cotidiano escolar, destacando estratégias que favoreçam a inclusão, a valorização da diversidade cultural e a desconstrução de práticas hegemônicas no contexto educacional, seguindo os mesmos princípios metodológicos das pesquisas conduzidas por Varella *et al.* (2024) e Oblack e Maldonado (2024). Importante ressaltar que as experiências educativas com as danças organizadas nas atividades extracurriculares foram excluídas da análise.

Nesse cenário, a investigação foi realizada nos seguintes periódicos: Cadernos do Aplicação, Revista Brasileira de Educação Física Escolar, Motrivivência, Instrumento: revista de Estudos e Pesquisas em Educação, Temas em Educação Física Escolar, Cadernos de Formação RBCE, Kinesis e Conexões. Já os capítulos foram encontrados nos livros: Educação Física e culturas: ensaios sobre a prática, Educação Física cultural: o currículo em ação, Educação Física cultural: escritos sobre a prática, Educação Física Escolar e relações étnico-raciais:subsídios para a implementação das Leis 10.639/03 e 11.645/08, Práticas pedagógicas inovadoras nas aulas de Educação Física Escolar: indícios de mudanças 1 e 2, Educação Física Escolar no Ensino Médio: a prática pedagógica em evidência 1 e 2, Saberes de professoras e professores de Educação Física: docência, pesquisa e o currículo em ação e Escrevivências da Educação Física cultural I, II, III e IV.

Essas experiências político-pedagógicas foram selecionadas com base em sua relevância, possibilitando a identificação de temas, que foram produzidos a partir da técnica de análise temática (BRAUN; CLARKE, 2006), sendo eles: diversidade cultural, superação de preconceitos e a tematização das danças na Educação Física Escolar (18 experiências); a construção da identidade negra e a problematização das desigualdades sociais nas vivências de dança na Educação Física Escolar (11 experiências); e problematizando as relações de gênero e sexualidade em projetos educativos que envolvem as danças na Educação Física Escolar (oito experiências).

3 Resultados

3.1 Diversidade cultural, superação de preconceitos e a tematização das danças na Educação Física Escolar

A diversidade cultural brasileira, marcada por múltiplas manifestações corporais e simbólicas, encontra na escola um espaço privilegiado para ser reconhecida, valorizada e ressignificada. No âmbito da Educação Física Escolar, a tematização das danças populares se apresenta como possibilidade potente para promover o respeito à diversidade, a valorização das identidades culturais e o enfrentamento aos preconceitos. Ao integrar expressões corporais regionais, urbanas e de matriz afro-indígena ao currículo, o(a) docente oportuniza experiências que conectam os(as) estudantes às suas origens e às complexidades sociais do país.

É o que demonstra Martins (2017), ao relatar a experiência da Escola Estadual Alcides da Costa Vidigal, no qual a diversidade cultural brasileira foi abordada por meio da dança. A professora organizou as turmas para estudarem diferentes regiões brasileiras, com a culminância em apresentações culturais. A dança foi escolhida como manifestação central devido à sua presença cotidiana e ao seu potencial expressivo. A educadora utilizou vídeos, atividades rítmicas e rodas de conversa para estimular o reconhecimento e o respeito às

manifestações da cultura corporal. Essa iniciativa materializa, na prática, a concepção de currículo crítico defendida por Maldonado e Prodócimo (2022), ao articular conhecimento corporal e leitura crítica de mundo.

De forma semelhante, Diniz (2018) relata uma experiência no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP), em que a integração da dança ao currículo visou promover um ensino mais inclusivo e reflexivo. Apesar das dificuldades enfrentadas, como a escassez de recursos e preconceitos relacionados à dança, a proposta evidenciou a importância da atuação docente para sistematizar práticas político-pedagógicas significativas. A valorização da diversidade corporal e cultural fortaleceu o protagonismo discente, pois nessa perspectiva o(a) educador(a) é compreendido como agente de diálogo. Nesse sentido, professores(as) do IFSP – campus Capivari desenvolveram uma prática interdisciplinar com o tema "Cultura e identidade local", propondo que os(as) estudantes criassem trabalhos ao longo do semestre, culminando em apresentações durante a Festa Caipira. A iniciativa buscou promover maior aproximação entre áreas do conhecimento e saberes escolares, enfrentando desafios como a sobrecarga do ensino em tempo integral e a necessidade de integração curricular. Apesar das dificuldades em articular temas da cultura corporal com as exigências das áreas técnicas, a experiência revelou a importância da dança como expressão popular,estimulando o diálogo entre áreas e fortalecendo a formação integral dos(as) estudantes.

O uso da cultura hip hop no Colégio de Aplicação da UFRGS, conforme descrito por Soares e Lettnin (2010), também aponta para a potência das danças urbanas como forma de expressão crítica. As aulas abordaram os quatro elementos do hip hop (MC, DJ, b-boy/b-girl e grafite), oferecendo aos(às) estudantes uma vivência estética e reflexiva sobre sua realidade. A experiência gerou não apenas apropriação gestual, mas também reflexão sobre preconceitos e inclusão, promovendo bem-estar e socialização. Nesse sentido, tal projeto educativo se aproxima do que Nobrega (2020) denomina pedagogia da diversidade, que busca construir a Educação Física como espaço de resistência e luta por equidade.

A presença das danças regionais também foi enfatizada em relatos que envolveram o frevo (SANTOS; NEVES, 2016), o maracatu (NEVES, 2017) e o carimbó (BONETTO, 2019). Em todas essas experiências, o trabalho com manifestações tradicionais possibilitou ampliar o repertório cultural dos(as) estudantes, ao mesmo tempo em que promoveu o respeito às expressões populares. No caso do maracatu, a resistência inicial de parte da comunidade escolar, por motivos religiosos, foi enfrentada com diálogo e vivências sensíveis, evidenciando como a escola pode ser espaço de construção do respeito à diversidade de crenças e culturas. Esse processo reflete o que Nobrega (2023) analisa como necessidade de uma formação docente antirracista, capaz de enfrentar os paradigmas coloniais e cristãos que ainda influenciam o currículo escolar.

Outras propostas buscaram valorizar manifestações locais e culturas juvenis, como a inserção do *jumpstyle* nas aulas (AGUIAR; MORAES, 2012), a vivência das danças juninas sob múltiplas dimensões (VIEIRA; FREIRE; RODRIGUES, 2018) e o trabalho com o samba em suas vertentes históricas, sociais e identitárias (AGUIAR; NEIRA, 2014). Tais iniciativas dialogam com as experiências dos(as) estudantes, reconhecendo seus saberes e integrando-os ao conhecimento escolar. Essa articulação entre cultura popular, vivência escolar e formação crítica contribui para um currículo que reflita os contextos sociais, raciais e regionais da comunidade escolar.

Além das práticas já analisadas, outras experiências ampliaram a compreensão da dança para problematizar a diversidade cultural e desconstruir preconceitos. Oliveira Junior

(2023) desenvolveu um projeto educativo em uma escola pública com uma turma do ensino fundamental, tendo como foco a exploração dos diferentes estilos de dança ao longo do tempo, desde clássicas até movimentos contemporâneos, como o "dance se souber". A experiência foi motivada pelo envolvimento dos(as) estudantes com danças compartilhadas em redes sociais. Durante as aulas, foram apresentados vídeos de diversos estilos e discussões sobre as características de cada manifestação cultural, como o balé e a dança contemporânea. A participação dos(as) educandos(as) foi intensa, com contribuições relevantes para a compreensão das diferenças entre os estilos. Um momento interessante foi a competição proposta pelos(as) próprios(as) discentes, baseada nas coreografias do "dance se souber", que revelou criatividade e interesse genuíno. A participação de uma professora de português — também dançarina — trouxe ao projeto uma importante dimensão de representatividade e mostrou a potência das conexões interdisciplinares.

Essa vivência ilustra como o reconhecimento das práticas corporais juvenis e da cultura digital pode enriquecer o processo de ensino-aprendizagem, especialmente ao permitir que os(as) estudantes se expressem corporalmente por meio de linguagens com as quais já se identificam. Essa abordagem evidencia a importância de construir um currículo sensível à diversidade, atento às transformações culturais e às novas formas de subjetivação que emergem no cotidiano juvenil, dialogando com a perspectiva curricular cultural, que reconhece a Educação Física como um ambiente propício para a valorização das múltiplas identidades e expressões, compreendendo as práticas corporais como representações da cultura (NEIRA, 2018).

Outro exemplo é o projeto relatado por Reis (2020), que abordou a inclusão do samba rock como tema nas aulas de Educação Física, explorando suas raízes culturais e relevância na formação da identidade dos(as) estudantes. Realizado com turmas da educação básica, a proposta trouxe elementos da cultura musical brasileira para a prática educativa, promovendo reflexão sobre as manifestações populares. A culminância se deu com um baile de samba rock organizado pelos(as) próprios(as) discentes, incluindo decoração, seleção de músicas e presença de um profissional da área. O projeto reforçou o pertencimento e valorizou a identidade dos(as) estudantes, permitindo que se vissem representados(as) no conteúdo escolar.

Reis (2020) exemplifica a importância de valorizar as culturas periféricas e populares, fortalecendo os laços culturais e afetivos entre o espaço educativo e a comunidade. Essa valorização reforça a importância de que a escola seja um ambiente no qual os saberes locais e tradicionais dialoguem com o conhecimento sistematizado, promovendo o reconhecimento das identidades dos(as) estudantes e o respeito mútuo.

Com base no currículo crítico-libertador, Silva e Maldonado (2024) relataram um projeto com turmas de educação infantil, em uma escola do interior de São Paulo, no qual foram desenvolvidas brincadeiras e danças culturais das regiões Norte e Nordeste. As atividades aconteceram em um ambiente de diálogo horizontal, que estimulou o protagonismo infantil e a livre expressão das vivências culturais das crianças. O projeto culminou em apresentações de danças como o frevo, o carimbó e o bumba-meu-boi, reforçando a riqueza da diversidade cultural brasileira desde os primeiros anos da formação escolar.

Tais experimentações, quando desenvolvidas com crianças pequenas, reafirmam que a educação antirracista e plural não deve ser postergada. Como observa Nobrega (2023), a construção da consciência cultural e política das crianças começa nas primeiras interações

escolares — e a dança, como linguagem sensível e plural, favorece esse processo de forma singular.

Também se faz importante destacar que o currículo crítico-libertador, proposto pela pedagogia freireana, rejeita qualquer forma de padronização ou mecanização da Educação Física Escolar. Em vez disso, ele é construído com base em temas geradores que emergem das realidades dos(as) estudantes, promovendo uma educação dialógica e participativa. O objetivo é que os(as) educandos(as) adquiram uma leitura crítica do mundo por meio das práticas corporais, compreendendo as opressões sociais e culturais que as atravessam, como o racismo e o sexismo, por exemplo. Isso torna a Educação Física um espaço de resistência e transgressão (MALDONADO, 2024).

A Educação Física Escolar, vista a partir da lente freireana, deve ser um instrumento de conscientização, crítica social e transformação. O pensamento de Paulo Freire oferece um caminho para que a prática político-pedagógica na área se torne mais inclusiva, politizada e voltada para a emancipação dos(as) estudantes. Ao integrar os saberes populares e as experiências de vida de toda a comunidade escolar, o currículo da Educação Física pode se tornar um poderoso meio para a construção de uma sociedade mais justa e diversa (MALDONADO; PRODÓCIMO, 2022).

Ao adotar a educação libertadora, os(as) educadores(as) assumem o papel de agentes de mudança, buscando desconstruir visões estereotipadas e desigualdades presentes na cultura corporal. Inspirados por Paulo Freire, esses(as) educadores(as) não apenas ensinam técnicas esportivas ou exercícios físicos, mas também estimulam a reflexão sobre as relações de poder, preconceitos e estruturas sociais que influenciam as práticas corporais (MALDONADO, 2024).

Em um contexto completamente distinto, Masella *et al.* (2021) descreveu práticas desenvolvidas durante a pandemia na EMEI Nelson Mandela, utilizando manifestações culturais como o forró e a capoeira para manter o vínculo pedagógico com as crianças da educação infantil. Por meio de vídeos, músicas e histórias, a experiência promoveu a valorização das culturas populares brasileiras, em ambiente remoto, fortalecendo a relação entre corpo, cultura e afetividade, mesmo à distância.

Essa experiência mostra a potência da dança para manter a conexão entre escola e comunidade até em momentos de isolamento, utilizando a cultura como elo afetivo e educativo. As danças, neste caso, foram manifestações de resistência simbólica, conforme aponta Nobrega (2020), ao reforçar a importância de uma Educação Física que acolha, escute e resista, mesmo diante das adversidades.

Rodrigues (2015), no artigo "Conhecendo o mundo na escola: uma Intervenção com a Dança na Educação Infantil", relatou um trabalho realizado em uma escola de Vila Velha (ES), dividido em duas unidades: uma introdução geral à dança e o ensino específico do frevo. Por meio de atividades lúdicas, improvisações e brincadeiras, a professora buscou ampliar o repertório cultural das crianças, permitindo-lhes vivenciar a dança de maneira significativa e crítica. O projeto ressaltou a escola como espaço de construção de conhecimento corporal e de interação cultural, fortalecendo a importância das manifestações populares como parte da formação integral na infância.

Sousa, Maldonado e Neira (2018) descreveram em seu artigo uma experiência pedagógica desenvolvida no 3º trimestre de 2016 em uma escola municipal de Santo André (SP). A temática do projeto foi o funk e envolveu estudantes do 5º ano do ensino fundamental. A partir de pesquisas na internet e atividades em sala, os(as) educandos(as) aprenderam sobre o funk, quebrando preconceitos e entendendo a possibilidade de

participação de todos(as) nas vivências, independentemente de gênero ou religião. A experiência demonstrou como temas culturais podem ser integrados ao currículo escolar de Educação Física para promover uma educação mais inclusiva e reflexiva.

As práticas político-pedagógicas que envolvem o trabalho com crianças pequenas reiteram que a dança, quando tematizada com intencionalidade, promove não apenas a vivência da gestualidade das práticas corporais, mas também vínculos identitários e culturais, construindo uma base sólida para a valorização da diversidade desde cedo. Essa perspectiva é respaldada por Maldonado e Bocchini (2014), que reforçam a importância de problematizar os aspectos históricos, sociais, políticos e econômicos da dança, além de criar ambientes que possibilitem a vivência dos seus gestos de acordo com a singularidade de cada educando(a).

O artigo "Educação Física Escolar e as três dimensões do conteúdo: tematizando as danças na escola pública" relatou uma prática pedagógica desenvolvida em uma escola municipal na zona leste de São Paulo, direcionada aos estudantes do 6º ano do ensino fundamental. Com base nas dimensões procedimental, conceitual e atitudinal dos conteúdos, o projeto foi planejado para abordar a dança como um fenômeno cultural que permite a problematização da diversidade. No desenvolvimento da experiência, os(as) educandos(as) tiveram contato com danças típicas brasileiras, como o forró, o frevo e o carimbó, sendo incentivados(as) a compreender suas origens e significados culturais. Adicionalmente, foram promovidas discussões sobre questões de gênero, etnia e diversidade, o que contribuiu para uma reflexão mais ampla sobre preconceitos e estereótipos. Esse projeto ressalta a importância da Educação Física como uma disciplina que vai além do movimento, proporcionando um espaço de construção crítica e cidadã no ambiente escolar (MALDONADO, BOCCHINI, 2014).

Fechando este conjunto de relatos, a experiência de Sousa *et al*. (2020) traz a dança sertaneja para o centro do currículo. Inspirada no círculo de cultura freireano, a proposta foi desenvolvida com estudantes do 9º ano e promoveu a ressignificação dessa manifestação cultural, muitas vezes associada apenas ao meio rural. Com atividades que incluíram o estudo histórico-social do sertanejo e a criação de coreografias, os(as) estudantes foram levados(as) a refletir sobre identidade cultural, diversidade e preconceitos. A culminância foi uma apresentação das coreografias, marcando a valorização das raízes culturais dos(as) educandos(as).

Essa proposta exemplifica como manifestações culturais aparentemente tradicionais podem ser tematizadas de forma crítica e inclusiva. Ao permitir que os(as) estudantes reconhecessem suas próprias histórias na dança, esses projetos educativos podem fortalecer a autoestima e o pertencimento, reconhecendo a dança como uma importante linguagem corporal (BRASILEIRO; MARCASSA, 2008).

Dessa forma, ao considerar o conjunto das experiências aqui relatadas, reafirma-se a dança como tema potente para a promoção da diversidade cultural, da inclusão e da formação crítica dos(as) estudantes. A partir de uma abordagem comprometida com a escuta ativa, o reconhecimento das identidades plurais e a valorização das culturas populares e juvenis, a Educação Física Escolar se constitui como espaço de resistência, acolhimento e transformação social. A escola, quando dançante e dialógica, torna-se lugar da gestualidade — do corpo, da cultura e da consciência.

3.2 Construção da identidade negra e a problematização das desigualdades sociais das vivências de dança na Educação Física Escolar

A Educação Física Escolar, ao tematizar a dança de maneira crítica, tem potencial para se constituir em um campo fértil de afirmação da identidade negra e de problematização das desigualdades sociais. Quando o corpo é compreendido como território político, as práticas corporais deixam de ser neutras e passam a expressar a complexidade das relações sociais, especialmente aquelas marcadas por opressões históricas baseadas em raça, classe e território. Os relatos analisados nesta seção demonstram o compromisso de professores(as) que, ao integrar manifestações da cultura negra e periférica ao currículo, promovem a valorização de saberes historicamente marginalizados e criam espaços de escuta e pertencimento no ambiente escolar.

A primeira experiência analisada é um capítulo de livro que apresenta uma prática político-pedagógica nas aulas de Educação Física Escolar utilizando o hip hop como tema central. Por meio de danças urbanas, análise social, aspectos históricos e questões de inclusão, e racismo, os(as) autores(as) buscavam uma Educação Física transformadora. A experiência foi realizada em uma escola municipal de Santo André, envolvendo 56 estudantes do 4° e 5° anos dos anos iniciais do ensino fundamental, durante 11 aulas em 2019. O planejamento participativo e a abordagem dialógica, inspirados por Paulo Freire, foram essenciais para a construção do conhecimento junto aos estudantes. A tematização do hip hop permitiu a inclusão de conteúdos culturais e sociais relevantes para as crianças, especialmente aquelas de contextos periféricos, promovendo a conscientização crítica e a superação do preconceito racial (MOREIRA; SIQUEIRA; MARQUES, 2022).

Essa prática político-pedagógica dialoga diretamente com as proposições de Nobrega (2023), ao defender uma Educação Física que incorpore as epistemologias negras como fundamentos curriculares. A presença do hip hop nas aulas, além de reconhecer o corpo como espaço de resistência, permitiu que os(as) estudantes se vissem representados(as) nas práticas escolares e compreendessem a potência de sua própria cultura como forma de enfrentamento às desigualdades.

Nesse cenário, a Educação Física Escolar é tratada como uma área que transcende a mera prática esportiva e o desenvolvimento físico. Com base na pedagogia freireana, a Educação Física deve ser um componente curricular que promove a conscientização crítica dos(as) estudantes, problematizando questões como corpo, cultura e as diversas opressões que afetam as práticas corporais (NOGUEIRA; MALDONADO; FREIRE, 2023).

Barbosa, Peres e Fonseca (2023) realizaram uma experiência em uma escola municipal do Rio de Janeiro, a partir de um projeto de extensão da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Voltado para turmas do 8º e 9º ano, o projeto utilizou o hip hop para promover a inclusão e o letramento racial, abordando temas como racismo e violência policial. Com uma abordagem colaborativa e contra-hegemônica, essa manifestação da cultura corporal foi utilizada como meio de empoderamento, permitindo que os(as) estudantes discutissem questões sociais ligadas à periferia e a cultura negra. A frase “A periferia é um país” guiou as discussões sobre justiça social e identidade.

Este relato reforça o que Santana (2023) chama de educação antirracista em ação: um compromisso explícito com o enfrentamento às desigualdades estruturais, aliado à valorização das narrativas negras e periféricas. O hip hop, nesse contexto, não é apenas um tema das aulas, mas meio de diálogo crítico sobre as condições de existência dos(as) estudantes.

Outro ponto a se destacar é que essa experiência político-pedagógica se aproxima das premissas do currículo crítico-superador da Educação Física, que propõe ir além das

práticas tradicionais e dos currículos unidimensionais, buscando uma educação emancipatória que desafie as formas hegemônicas de ensino, promovendo práticas educativas que contribuem para a construção de uma sociedade mais equitativa. Fundamentado nas teorias críticas, pretende ir além das experiências educativas que focam apenas no desenvolvimento físico e competitivo dos(as) estudantes, se caracterizando por sua perspectiva integradora em aspectos sociais, psicológicos e culturais. Nas aulas de Educação Física, a perspectiva crítico-superadora busca desconstruir estereótipos e incentiva a reflexão sobre questões como corpo, condições socioeconômicas e expressões culturais (Soares *et al.,* 1992).

Com a intencionalidade de ampliar esse debate, se faz importante destacar que a Educação Física crítico-superadora propõem uma pedagogia para a classe trabalhadora, inspirada nos preceitos da base epistemológica histórico-crítica, muito enfatizada no Brasil por Demerval Saviani. A proposta curricular apresenta procedimentos didáticos que possibilitem a tematização e problematização das práticas corporais provocando um esclarecimento crítico ao seu respeito e desvelando as desigualdades sociais produzidas pelo sistema capitalista na perspectiva dialética (BRACHT, 1999).

Piragibe (2020) apresenta a experiência de integrar o funk nas aulas de Educação Física de uma escola pública de São Paulo, voltada para jovens do ensino médio, entre 15 e 18 anos. O objetivo era valorizar o funk, uma expressão cultural popular, e combater os preconceitos que ainda persistem em relação a esse gênero musical, muitas vezes visto de forma negativa. As aulas foram um espaço para que os(as) estudantes vivenciassem os gestos dessa prática corporal e discutissem seu contexto histórico e social, reconhecendo a importância dessa manifestação na vida de muitos(as) deles(as). A experiência incluiu debates sobre resistência cultural e discriminação, possibilitando aos jovens a chance de ver o funk como uma forma de expressão negra e empoderamento das comunidades periféricas. O desfecho foi uma apresentação na escola, no qual os(as) educandos(as) não só mostraram o que aprenderam tecnicamente, mas também compartilharam suas reflexões sobre a relevância dessa manifestação cultural, valorizando sua própria identidade e história de vida. Essa vivência permitiu que todos e todas se sentissem mais conectados(as) com suas raízes e mais orgulhosos de quem são.

Nesse processo de ressignificação, a escola cumpre o papel de desconstruir estigmas e reposicionar os saberes populares no centro do currículo. Conforme Gomes e Faria (2023), a cultura corporal das periferias carrega marcas de resistência e é capaz de instaurar novas possibilidades de aprendizagem e de relações sociais mais justas.

Torres, Quaresma e Santos Junior (2020) descrevem a experiência de utilizar a ciranda e o funk nas aulas de Educação Física, que foi realizada em uma escola municipal do distrito do Capão Redondo, em São Paulo, com estudantes do ciclo de alfabetização (1º ao 3º ano) e turmas do 6º ano do ensino fundamental. O trabalho buscou integrar conhecimentos culturais e afetivos, proporcionando vivências corporais significativas. A ciranda, com sua estrutura colaborativa, promoveu interação e coletividade, enquanto o funk permitiu a expressão individual e o resgate da cultura das periferias. O desfecho foi positivo, com relatos de alegria, cooperação e valorização das manifestações culturais locais por parte dos(as) estudantes, criando um ambiente inclusivo e participativo.

A articulação entre o coletivo e o individual, entre a afetividade e a crítica social, torna a prática pedagógica mais humana e transformadora. Essa abordagem se aproxima da proposta de educação popular negra, que busca produzir conhecimento a partir das memórias e vivências das comunidades negras, entendendo a escola como um espaço de resistência e

transformação. Conforme destacado por Nobrega (2023), a pedagogia com sentido de quilombo propõe um rompimento com as práticas escolares tradicionais que reproduzem o eurocentrismo e o racismo estrutural, promovendo uma educação que seja, de fato, inclusiva, crítica e capaz de afirmar identidades negras, ampliando as possibilidades de pertencimento e reconhecimento social desses(as) estudantes.

A seguir, outras experiências reforçam essa construção: o projeto de Colombero (2017), que trabalhou o samba e religiosidades afro-brasileiras; o relato de Bocchini (2017), que articulou as vivências do samba às identidades locais; e a proposta de Rodrigues e Neira (2016), que tematizou as práticas corporais da cultura negra nos anos iniciais do ensino fundamental. Em todas essas experimentações, a dança foi utilizada como ponte para o reconhecimento da história da população afro-brasileira, promovendo a reflexão crítica sobre o racismo estrutural e a ressignificação da identidade do povo preto no contexto escolar.

Realizado em uma escola da zona sul de São Paulo com turmas do 9º ano, o projeto desenvolvido por Colombero (2017) articulou as aulas de Educação Física ao Trabalho Colaborativo Autoral (TCA). O foco foi o samba, escolhido como tema para explorar a resistência e afirmação da cultura negra. A experiência político-pedagógica promoveu uma educação antirracista, discutindo a influência das religiões afro-brasileiras, como o candomblé, e refletindo sobre a demonização de figuras como Exu devido à cultura ocidental. Foi utilizada uma abordagem interdisciplinar visando integrar o conhecimento acadêmico com o popular, promovendo uma compreensão crítica dos(as) estudantes sobre sua realidade social e histórica.

Desenvolvido numa escola municipal de São Paulo, localizada na zona norte, no distrito de Brasilândia, participaram do projeto organizado por Bocchini (2017) estudantes do 6º ano, que tinham três aulas de Educação Física por semana, com duração de 45 minutos. A experiência teve duração de três meses, aproximadamente 39 aulas, ocorrendo no primeiro semestre de 2016. A escolha do tema ocorreu por alguns motivos. Um deles foi que, por meio de observações, percebeu-se que os(as) estudantes escutavam sambas em seus celulares e, quando interrogados(as), disseram que participavam de escolas de samba da região, constatando-se que esse estilo musical fazia parte da realidade daquela comunidade. Foi realizado um mapeamento com o intuito de identificar as representações que os(as) educandos(as) possuíam sobre o samba. Constatou-se que essa manifestação da cultura corporal se relaciona com o carnaval e, enquanto estilo musical, estava atrelada às pessoas pertencentes às classes menos favorecidas. Para ampliar o conhecimento sobre a temática, foram problematizados os seguintes pontos: a história e os tipos de samba; o samba como cultura afro-brasileira; a gestualidade do samba; e o carnaval como identidade nacional.

Também se destaca o trabalho de Irias (2023), que integrou o Kuduro e o Semba às aulas, problematizando questões como racismo e valorização do cabelo crespo. A vivência, marcada pela espontaneidade e pelo afeto, permitiu às crianças do ensino fundamental experienciar a cultura africana de maneira crítica e afetiva. A Educação Física, nesse caso, tornou-se campo de resistência e visibilidade de corpos e saberes historicamente silenciados. O objetivo desse projeto educativo foi explorar as raízes culturais africanas, em particular as danças de Angola. Durante as aulas, as crianças analisaram imagens e vídeos, incluindo a vivência do Kuduro, ensinada por dançarinos(as) angolanos(as). Ao vivenciar os gestos, os(as) estudantes experimentaram essa prática corporal de forma espontânea, recriando a gestualidade de acordo com suas próprias interpretações. Um episódio de racismo relacionado ao cabelo crespo de uma educanda foi abordado coletivamente, desencadeando uma discussão sobre respeito e identidade negra. A experiência possibilitou que as crianças

conhecessem e valorizassem culturas e identidades diferentes, além de promover um ambiente mais inclusivo e acolhedor dentro da sala de aula.

Rodrigues e Neira (2016) realizaram uma experiência em uma escola pública da Baixada Santista com uma turma de 3° ano, no qual foram tematizadas as culturas negras nas aulas de Educação Física. De início o contato com o samba foi uma surpresa, mas logo houve legitimação com o ambiente. Conforme exploraram e refletiram os autores no texto, os(as) educandos(as) trouxeram questões sobre a posição social da população negra no Brasil e em que contexto estavam inseridos(as). Essa abordagem gerou mudanças significativas nas práticas político-pedagógicas e nas conversas entre docente e discentes, promovendo um ambiente mais reflexivo e sensível às questões culturais e sociais.

A experiência que abordou a integração do "passinho dos maloka", um estilo de dança urbana, nas aulas de Educação Física, foi realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental Terezinha Mota de Figueiredo, no Jardim São Bento Novo, Capão Redondo, São Paulo, com estudantes dos 6º anos A, B e C. O objetivo foi valorizar a cultura local e aproximar o conteúdo escolar das vivências dos(as) educandos(as). A atividade culminou em uma apresentação na feira cultural da escola, em que os(as) discentes apresentaram o "passinho dos maloka", além de gravarem um videoclipe e registrarem suas opiniões sobre o trabalho. O resultado destacou a valorização da identidade cultural das periferias e o combate a preconceitos em relação ao funk e ao termo "maloka" (CARVALHO, 2020).

Carvalho (2020), ao relatar o projeto, reforça esse movimento de valorização da cultura periférica. A experiência conectou os(as) estudantes às suas vivências locais, ampliando sua autoestima e sua percepção de pertencimento.

Oliveira, Batista e Medeiros (2014) relatam uma experiência de integração da cultura hip-hop nas aulas de Educação Física, com foco na inclusão social e cultural. O projeto foi realizado na Escola Municipal Prof. Otto de Brito Guerra, localizada no bairro do Planalto, em Natal, na rede pública de ensino. O público-alvo foram 32 estudantes de uma turma do 7º ano do ensino fundamental, com idades entre 11 e 13 anos, que demonstraram interesse pelo universo do hip-hop. O objetivo foi desmistificar preconceitos e ampliar o conhecimento dos(as) estudantes sobre essa manifestação da cultura corporal, utilizando a dança *break-dance*, apreciação de vídeos e diálogo com grupos locais para promover a compreensão dos papéis sociais no contexto do hip-hop, aproximando os(as) estudantes das manifestações culturais que compõem seu cotidiano e sua identidade coletiva.

A experiência com o jongo, realizada na educação infantil, utilizou a roda dessa manifestação cultural como um espaço de aprendizado coletivo, no qual as crianças puderam conhecer a história e os significados da cultura afro-brasileira. O objetivo foi promover a igualdade e o respeito às tradições culturais, valorizando o jongo como uma forma de resistência e identidade. As atividades envolveram canto, dança e brincadeiras, promovendo o desenvolvimento da consciência histórica e cultural dessa prática da cultura corporal (HAMBURGER, 2020).

Por fim, a roda de jongo, descrita por Hamburger (2020), propiciou um espaço de aprendizagem coletiva e construção de identidade na educação infantil, promovendo o respeito às tradições afro-brasileiras e desenvolvendo a consciência histórica desde os primeiros anos da escolarização.

Em todas essas práticas, observa-se uma Educação Física Escolar que, ao tematizar danças negras e populares, contribui para a superação de preconceitos, para o fortalecimento da autoestima e para a construção de sujeitos críticos e conscientes de sua trajetória. Trata-se de um caminho que rompe com a neutralidade curricular e posiciona a escola como espaço

político de valorização das culturas negras, em consonância com os princípios da educação antirracista (Nobrega, 2023) e com as diretrizes das leis 10.639/03 e 11.645/08.

3.3 Problematizando as relações de gênero e sexualidade em projetos educativos que envolvem as danças na Educação Física Escolar

A tematização das danças na Educação Física Escolar, quando orientada por uma perspectiva crítica, tem se mostrado um importante caminho para discutir relações de gênero e sexualidade, abrindo espaço para a valorização das identidades diversas e para o enfrentamento às violências simbólicas que operam cotidianamente no ambiente escolar. Ao possibilitar a desconstrução de estereótipos, a dança amplia a compreensão dos(as) estudantes sobre os corpos, os papéis de gênero e as múltiplas formas de expressão da subjetividade.

Quaresma (2017) aborda a implementação do currículo cultural de Educação Física em uma escola pública na periferia de São Paulo no capítulo "Sofrência: entre xs muitos elxs". O autor descreve o contexto político que levou à ocupação de escolas pelos(as) estudantes em resposta à reorganização antidemocrática da rede estadual em 2015. No ambiente escolar, Quaresma utilizou músicas sertanejas para promover discussões sobre diversidade sexual e resistência, introduzindo músicas de sertanejo gay para representar estudantes LGBTQIAPN+. Essa abordagem gerou reações mistas entre educandos(as) e familiares, mas também proporcionou um espaço para debates sobre amor e aceitação na escola.

A experiência de Quaresma evidencia como práticas corporais que integram o sensível e o político contribuem para tensionar a lógica cis-heteronormativa evidenciada no cotidiano escolar. Ao valorizar vivências musicais e afetivas associadas à “sofrência” e às relações LGBTQIAPN+, o projeto se alinha ao que aponta Alverne e Maldonado (2024), principalmente por reconhecer que gênero e sexualidade são construções sociais e culturais que devem ser abordadas pedagogicamente para combater a exclusão e promover equidade.

Tavares (2018) relata uma experiência pedagógica no Ensino Médio Integrado, em que a dança foi o tema das aulas de Educação Física, com foco central na discussão de gênero como uma construção histórico-social, passível de transformação por meio de práticas culturais. A intervenção incluiu o seminário "O Corpo que Dança, o Corpo na/da Escola", além de atividades nas quais os(as) estudantes analisaram suas vivências com essa manifestação da cultura corporal em momentos de lazer, resultando em debates sobre a objetificação da mulher, desigualdade de gênero e sexualidade. A escolha da dança foi intencional e política, permitindo à escola enfrentar questões sociais, promover a desconstrução de preconceitos e a igualdade. Ao propor reflexões sobre essa prática corporal, o projeto enfatizou as relações de gênero como eixo central com os(as) jovens.

A proposição de Tavares está em consonância com as ideias de Alverne e Maldonado (2024), ao entender o corpo como território de disputa simbólica e política. Ao promover uma leitura crítica das práticas corporais cotidianas, especialmente das que envolvem a dança no lazer e na mídia, a escola contribui para desnaturalizar hierarquias de gênero e estimular o pensamento crítico.

Nessas experiências relatadas anteriormente, os(as) docentes demonstram uma postura pedagógica intencional ao incluir, de forma planejada e consciente, temáticas que perpassam questões socioculturais nas aulas de Educação Física. Essa escolha não se dá de

maneira aleatória, mas fundamenta-se na compreensão de que o ambiente escolar, especialmente o espaço da Educação Física, deve ir além da mera prática de atividades corporais. Para esse professorado, é fundamental que os conteúdos trabalhados proporcionem momentos de reflexão crítica, nos quais os(as) estudantes possam reconhecer e questionar as estruturas sociais que os(as) cercam.

Assim, ao tratar de formações culturais, identitárias e históricas que atravessam os sujeitos, as práticas político-pedagógicas tornam-se um instrumento de enfrentamento às diversas formas de exclusão e segregação social. Essa abordagem busca não apenas reconhecer a realidade vivida pelos(as) discentes, mas também oferecer possibilidades de ressignificação de suas experiências, promovendo o empoderamento individual e coletivo dentro de uma perspectiva inclusiva e transformadora (ALVERNE; MALDONADO, 2024).

Lima e Müller (2023) relatam a experiência de trabalhar a dança "vogue" em aulas de Educação Física com estudantes do ensino médio em uma escola pública de São Paulo. O objetivo foi criar um ambiente seguro no qual os(as) jovens, de 15 a 18 anos, pudessem se expressar livremente e refletir sobre questões de gênero e identidade. Inspirada nos salões de baile LGBTQIAPN+ dos Estados Unidos, a dança "vogue" foi utilizada para questionar estereótipos e debater preconceitos. Durante as aulas, os(as) estudantes aprenderam gestos característicos e foram incentivados(as) a compartilhar suas histórias e vivências, tornando o espaço mais acolhedor e plural. O projeto culminou em uma apresentação coletiva, no qual cada educando(a) demonstrou o que aprendeu, tanto em termos de dança quanto sobre respeito e empatia pelas diversas formas de ser e existir. A experiência ajudou a fortalecer a confiança e promover a aceitação mútua.

Essa proposta traduz, na prática, a urgência de uma escola que reconheça e legitime os corpos dissidentes. A experiência com o vogue, ao mobilizar a estética e a política das expressões LGBTQIAPN+, apontam o que Alverne e Maldonado (2024) defendem, a necessidade de criar ambientes escolares que reconheçam e respeitem as diferentes maneiras de ser e pensar, favorecendo a convivência democrática e a formação de sujeitos mais conscientes e solidários.

Nascimento (2020) descreve a inclusão de práticas culturais contemporâneas, como as dancinhas do TikTok, o vogue e o funk, nas aulas de Educação Física do ensino médio, realizadas com as turmas 2º A e 2º B em uma escola pública. O projeto trouxe elementos das redes sociais para dentro da sala de aula, conectando os(as) estudantes aos movimentos culturais atuais. As vivências foram registradas e compartilhadas no Google Sala de Aula, com a participação de familiares e outros(as) jovens, promovendo um ambiente de aprendizado envolvente e representativo. O fechamento do projeto educativo mostrou uma maior abertura dos(as) educandos(as) para explorar novas formas de expressão, além de ampliar sua gestualidade e promover a autoestima.

Essa integração entre as manifestações juvenis contemporâneas e o ambiente escolar promove não apenas a aproximação cultural entre escola e estudante, mas também coloca em evidência corpos e gestualidades que muitas vezes são marginalizados. Como destacam Jucá e Maldonado (2024), é preciso considerar os marcadores socioculturais como centrais no planejamento das práticas pedagógicas, especialmente no campo da Educação Física.

Abordando as danças como práticas culturais, problematizando os estereótipos de gênero e a valorização de diferentes estilos dessas manifestações culturais na escola, as experiências analisadas nessa categoria temática envolveram crianças e jovens de diferentes idades e buscaram incentivar a desconstrução de normas tradicionais associadas com essas práticas corporais, promovendo a liberdade de escolha e a expressão corporal sem restrições

de gênero. As propostas geraram reflexões sobre a diversidade cultural e as relações de poder presentes nas práticas corporais.

A aproximação entre balé e funk, por exemplo, evidencia o caráter construtivo das expressões corporais e sua possibilidade de serem ressignificadas conforme o ambiente e os sujeitos envolvidos. Tal abordagem contribui para ampliar o entendimento de que não existem danças “de menino” ou “de menina”, mas corpos em movimento com histórias, desejos e vivências diversas.

Reconhecer a complexidade presente no ambiente escolar implica entender que os(as) estudantes são atravessados por múltiplas formas de ser e estar no mundo, carregando consigo distintas identidades e sendo influenciados(as) por variados marcadores sociais que moldam suas vivências e perspectivas. Essa compreensão exige, por parte dos(as) educadores(as), uma postura sensível e atenta às desigualdades históricas que permeiam as relações sociais, como aquelas baseadas em gênero, raça, classe, deficiência, sexualidade, entre outras. Ao valorizar a diversidade que compõe o coletivo escolar, a prática pedagógica deixa de operar sob uma lógica homogeneizadora para, então, afirmar a importância da escuta, do respeito às diferenças e da construção de um espaço verdadeiramente inclusivo. Dessa forma, promover uma Educação Física que considere essas pluralidades contribui para a formação de sujeitos críticos, capazes de reconhecer e enfrentar injustiças sociais, ao mesmo tempo em que se fortalecem na afirmação de suas próprias identidades (ALVERNE; MALDONADO, 2024).

Realizada na Escola Estadual Raimundo Correia, localizada em São Paulo, com turmas do 9º ano do ensino fundamental, a experiência pedagógica em tela, abordou a dança "Riscando a faca", típica da cultura popular, inserindo-a no currículo de Educação Física como uma manifestação cultural relevante. O professor utilizou essa prática corporal para promover reflexões sobre desigualdade social, diversidade e resistência cultural, valorizando as expressões corporais dos(as) estudantes e incentivando o protagonismo estudantil. A experiência buscou romper com o modelo monocultural e excludente da Educação Física tradicional, promovendo a inclusão e a valorização das vivências culturais dos(as) educandos(as) (SANTOS; NUNES, 2014).

Nesse relato, observa-se como o contato com expressões populares periféricas favorece uma abordagem interseccional no contexto escolar, na qual gênero, classe e cultura não são tratados isoladamente, mas como dimensões que se entrecruzam. Essa é uma prática que converge com os princípios das perspectivas curriculares mais politizadas da Educação Física (ALVERNE; MALDONADO, 2024), promovendo o reconhecimento de saberes populares como legítimos.

O capítulo "Trilhando o ritmo sertanejo" detalha um projeto realizado na Escola Estadual Samuel Klabin, no qual a dança sertaneja foi o foco central. O contexto da escola é descrito, ressaltando as dificuldades estruturais e o ambiente sociocultural. Inicialmente, houve resistência por parte dos(as) estudantes, mas, com o tempo, eles(as) se engajaram nas atividades propostas. Foram discutidos temas como a origem do sertanejo, sua representação na mídia e as questões de gênero presentes nas letras das músicas. Como parte da experiência, vídeos sobre a história e a cultura sertaneja foram utilizados para promover o debate. O projeto resultou na criação de coreografias pelos(as) educandos(as), que se inspiraram nos diversos estilos de dança sertaneja apresentados nos vídeos (OLIVEIRA, 2017).

Essa experiência revela como até mesmo estilos tradicionalmente marcados por discursos conservadores podem ser problematizados pedagogicamente, desde que

contextualizados e ressignificados. Ao analisar criticamente as letras e os símbolos da cultura sertaneja, os(as) estudantes foram levados(as) a refletir sobre os papéis de gênero, o machismo e a construção das imagens do masculino e do feminino. De acordo com Alverne e Maldonado (2024, p. 21) [...]essas discussões proporcionam uma maior compreensão de que seguimos cercados por um padrão cis heteronormativo de educação e, consequentemente, nos permitem superá-lo.

Por fim, Neves (2021) descreve um relato no qual o k-pop foi tematizado como uma manifestação cultural emergente entre os(as) jovens, buscando compreender suas diversas significações. A experiência incluiu debates, apresentações de dança e discussões sobre identidade, pertencimento e influência da mídia. O objetivo foi explorar o k-pop como uma forma de expressão cultural que atrai os(as) estudantes, valorizando suas preferências e promovendo o respeito à diversidade. A proposta possibilitou uma aproximação entre o conteúdo escolar e o universo cultural da juventude, favorecendo a construção de identidade e a inclusão.

Ao legitimar o k-pop como um tema da cultura corporal no contexto escolar, rompe-se com a lógica excludente que desconsidera a cultura pop como espaço de formação identitária. Essa prática corporal, assim como as anteriores, reafirma que o currículo da Educação Física pode — e deve — ser permeado por experiências que reconheçam as múltiplas formas de existência e os modos plurais de ser no mundo, se inspirando no currículo cultural do componente curricular, que coloca em evidência a valorização da diversidade, especialmente as manifestações culturais das diferentes tradições e contextos socioculturais. Por meio dessa proposta, promove-se o respeito mútuo e o entendimento intercultural, auxiliando os(as) educandos(as) a desenvolver uma visão mais ampla sobre a pluralidade e as diferenças (NEIRA, 2018).

As aulas de Educação Física tornam-se, assim, espaços de valorização das identidades culturais dos(as) estudantes, permitindo-lhes vivenciar e refletir sobre práticas corporais que fazem parte de seu cotidiano e de suas raízes. Além disso, o currículo cultural contribui para o fortalecimento do senso de pertencimento, uma vez que os(as) educandos(as) se veem representados(as) nas atividades propostas. Os professores e as professoras são incentivados(as) a utilizar essas manifestações culturais para promover a inclusão e criar ambientes no qual cada educando(a) se sinta respeitado(a) e valorizado(a) (NEIRA, 2018).

Em todas as experiências analisadas, a dança operou como linguagem pedagógica capaz de questionar normas, promover inclusão e fortalecer o respeito às diferenças. Ao tematizar gênero e sexualidade de forma crítica e sensível, a Educação Física Escolar amplia seus horizontes e torna-se espaço de emancipação e formação cidadã.

4 Considerações Finais

Este trabalho teve como objetivo compreender como as danças têm sido tematizadas e problematizadas nas aulas de Educação Física Escolar sob uma perspectiva inclusiva e contra-hegemônica, a partir de práticas pedagógicas desenvolvidas por docentes comprometidos com uma abordagem crítico-reflexiva da cultura corporal. A dança foi estudada como linguagem corporal que expressa identidades, memórias, afetos e resistências, sendo tratada como uma prática corporal que pode potencializar a inclusão e valorização das diferenças.

A análise temática das experiências selecionadas resultou em três temas: 1) diversidade cultural, superação de preconceitos e tematização das danças na Educação Física Escolar; 2) construção da identidade negra e problematização das desigualdades sociais nas vivências com a dança; e 3) discussões sobre gênero e sexualidade em projetos educativos que envolvem as danças na escola. No total, foram analisadas 37 experiências político-pedagógicas, que evidenciam a pluralidade de possibilidades que a dança oferece para a formação crítica dos(as) estudantes.

Na primeira categoria temática, observou-se que a inserção de danças populares, urbanas, tradicionais e regionais – como frevo, maracatu, carimbó, samba, ciranda, funk e hip hop nas aulas de Educação Física Escolar – possibilitou aos(às) estudantes vivenciarem e refletirem sobre a diversidade cultural brasileira, suas raízes e desigualdades históricas. Essas práticas corporais fortalecem o vínculo dos(as) educandos(as) com suas origens, promovem a autoestima, o respeito às diferenças e a valorização das identidades culturais, superando estigmas e preconceitos. Experiências com danças compartilhadas nas redes sociais, como o "dance se souber" e coreografias do TikTok, também se mostraram eficazes para conectar o universo juvenil ao espaço escolar.

No segundo tema, experiências que tematizaram danças oriundas das culturas negras e periféricas (como o samba, o jongo, o kuduro, o passinho e o funk) demonstraram o potencial dessas manifestações como instrumentos de afirmação identitária e resistência simbólica. Os projetos analisados abordaram temas como racismo, letramento racial, epistemologias negras e religiosidades afro-brasileiras, promovendo o reconhecimento dos saberes historicamente marginalizados e estimulando reflexões críticas sobre as desigualdades estruturais que afetam a população negra. Em muitos desses relatos, foi possível observar o fortalecimento da autoestima dos(as) estudantes, a valorização de suas histórias de vida e o sentimento de pertencimento.

A terceira categoria temática tratou de experiências que abordaram as relações de gênero e sexualidade a partir da dança, desafiando estereótipos e preconceitos ainda presentes nas escolas. Danças como o vogue, o funk e até mesmo o balé foram utilizadas para tensionar a lógica cis-heteronormativa presente no currículo e propor um ambiente pedagógico mais inclusivo. As práticas corporais permitiram aos(às) estudantes se expressarem livremente, refletirem sobre os padrões impostos aos corpos e ampliarem sua compreensão sobre diversidade sexual e identitária. Tais vivências estimularam o respeito mútuo, a empatia e a desconstrução de normas engessadas que limitam a experiência escolar de sujeitos dissidentes.

Ao longo da análise, foi possível identificar que as práticas político-pedagógicas mais potentes estavam pautadas em uma escuta ativa dos(as) estudantes, em vínculos afetivos e no reconhecimento das culturas juvenis e populares. A valorização de saberes do território, das expressões artísticas locais e das manifestações culturais contemporâneas revelou-se essencial para promover uma Educação Física comprometida com a justiça curricular e com a transformação social. O corpo, neste contexto, foi compreendido como território político e pedagógico, capaz de produzir conhecimento, expressar sentimentos e construir identidade.

Nesse cenário, defendemos que a tematização da dança nas aulas de Educação Física deve ser planejada com intencionalidade pedagógica, criticidade e sensibilidade. Para isso, é indispensável que os(as) professores(as) estejam em constante processo de formação teórica, conhecendo as bases das pedagogias críticas e politizadas,compreendendo os marcadores

socioculturais e sendo capazes de transformar o currículo em um espaço dialógico e inclusivo.

Ao final, a investigação reafirma a escola como espaço de resistência e transformação, que, ao incorporar práticas corporais como a dança de forma crítica e contextualizada, pode ampliar as possibilidades de leitura de mundo, de pertencimento e de engajamento social dos(as) estudantes. Assim, a Educação Física Escolar deixa de ser apenas um lugar de desenvolvimento físico e passa a atuar como agente formador de consciências, valorizando a diversidade, promovendo o respeito e cultivando a inclusão desde a infância.

Referências

AGUIAR, Camila dos Anjos; NEIRA, Marcos Garcia. Nesta escola tem samba.**Instrumento**: Revista de Estudo e Pesquisa em Educação. Juiz de Fora, v. 16, n. 2, p. 271-278, 2014. Disponível em: https://periodicos.ufjf.br/index.php/revistainstrumento/article/view/18917. Acesso em: 15 jul., 2025.

AGUIAR, Camila Silva; MORAES, Carin Sanches.Danças eletrônicas: do intervalo às aulas de Educação Física. In: NEIRA, Marcos Garcia; LIMA, Maria Emilia; NUNES, Mário Luiz Ferrari (Orgs.). **Educação Física e culturas**: ensaios sobre a prática. São Paulo: FEUSP, 2012. p. 83-95.

ALVERNE, André Luis do Nascimento Mont; MALDONADO, Daniel Teixeira. Evidências em Experiências Político-Pedagógicas de Professores(as) de Educação Física Escolar no Tensionamento das Temáticas de Gênero e Sexualidade. **Temas em Educação Física Escolar**, [S. l.], v. 9, n. 1, p. e2405, 2024. Disponível em: https://portalespiral.cp2.g12.br/index.php/temasemedfisicaescolar/article/view/4008. Acesso em: 15 jul., 2025.

BARBOSA, Luziangela de Carvalho; PERES, Mariana; FONSECA, Michele Pereira de Souza. Para nós, a periferia é um país": Construindo hip hop como estratégia pedagógica inclusiva na Educação Física Escolar. **Temas em Educação Física Escolar**. Rio de Janeiro, v. 8, p. 01-19, jan./dez. 2023. Disponível em: https://portalespiral.cp2.g12.br/index.php/temasemedfisicaescolar/article/view/3940. Acesso em: 15 jul., 2025.

BOCCHINI, Daniel. Do batuque à identidade nacional: o samba na Educação Física Escolar. In: FARIAS, Uirá de Siqueira; NOGUEIRA, Valdilene Aline; MALDONADO, Daniel Teixeira (Orgs.). **Práticas pedagógicas inovadoras nas aulas de Educação Física Escolar**: indícios de mudanças. Curitiba: CRV, 2017. p. 171-182.

BONETTO, Pedro Xavier Russo. Carimbó: uma experiência curricular para além da reprodução coreográfica. **Revista Brasileira de Educação Física Escolar**. Ano V, v. 2, p. 110-127, 2019. Disponível em: https://www.rebescolar.com/Conpefe/carimb%C3%B3%3A-uma-experi%C3%AAncia-curricular-para-al%C3%A9m-da-reprodu%C3%A7%C3%A3o-coreogr%C3%A1fica. Acesso em: 15 jul., 2025.

BRACHT, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da Educação Física. **Cadernos Cedes**. Ano XIX, n. 48, p. 69-88, 1999. Disponível em:

https://www.scielo.br/j/ccedes/a/3NLKtc3KPprBBcvgLQbHv9s/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 15 jul., 2025.

BRASILEIRO, Livia Tenorio; FRAGOSO, Aline Renata de Farias; GEHRES, Adriana de Faria. Produção do conhecimento sobre dança e educação física: analisando artigos científicos. **Pro-Posições**. Campinas, SP, v. 31, p. 1-18, 2020. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8660714. Acesso em: 15 jul., 2025.

BRASILEIRO, Lívia Tenorio; MARCASSA, Luciana Pedrosa. Linguagens do corpo: dimensões expressivas e possibilidades educativas da ginástica e da dança.**Pro-Posições**, v. 19, n. 3, p. 195–207, set. 2008. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pp/a/yXYxXFdGysRLBvLVG7rVSHN/?format=pdf&lang=pt. Acessoem: 15 jul., 2025.

BRAUN, Virginia. CLARKE; Victoria. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, v. 3, n. 2. p. 77-101. 2006. Disponível em: https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1191/1478088706QP063OA. Acesso em: 15 jul., 2025.

CARVALHO, Vinicius Paixão. Passinho dos maloka nas aulas de educação física. In: NEIRA, Marcos Garcia (Org.). **Escrevivências da Educação Física cultural.** São Paulo: FEUSP, 2020. p. 220-227.

COLOMBERO, Rose Mary Marques Papolo. Samba: do corpo dominado pela chibata à alegria da alma. In: NEIRA, Marcos Garcia (Org.). **Educação Física cultural**: o currículo em ação. São Paulo: Labrador, 2017. p. 190-199.

DINIZ, Irlla Karla dos Santos. Dança nas aulas de Educação Física: dando voz ao corpo no IFSP – Capivari. In: NOGUEIRA, Valdilene Aline; MALDONADO, Daniel Teixeira; FARIAS, Uirá de Siqueira (Orgs). **Educação Física Escolar no Ensino Médio:** a prática pedagógica em evidência 2. Curitiba: CRV, 2018. p. 133-146.

DINIZ, Irlla Karla dos Santos; DARIDO, Suraya Cristina; FIORAVANTI, Cinthia Andressa Araújo. Dança e pluralidade cultural: possibilidades pedagógicas para a Educação Física Escolar. **Arquivos em Movimento**. Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 85-101, 2013. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/am/article/view/9225. Acesso em: 15 jul., 2025.

DINIZ, Irlla Karla dos Santos *et al.*Dança no Ensino Médio: da contextualização à prática. In: DARIDO, Suraya Cristina (Org). **Educação Física no Ensino Médio**: diagnóstico, princípios e práticas. Ijuí: Unijuí, 2017. p. 383-406.

FONSECA, Michele Pereira de Souza; SILVA, Samara; SANTOS, Maria Luiza Mendes. **Possibilidades de diversificação dos conteúdos na perspectiva inclusiva**: relatos de experiência na Educação Física Escolar. Rio de Janeiro: RJ, Autografia, 2023.

GOMES, Izaú Veras; FARIA, Roberta Batista. Educação popular negra: notas e reflexões para a Educação Física. *In:* NOBREGA, Carolina Cristina dos Santos (Org.). **Perspectiva negra na educação física**. São Paulo:Editora Casa Flutuante, 2023. p. 102-129.

HAMBURGER, Carolina Gitahy. "Jongo, uma roda pela igualdade": tematizando o jongo na Educação Infantil. In: NEIRA, Marcos Garcia (Org.). **Escrevivências da Educação Física cultural**. São Paulo: FEUSP, 2020. p. 117-135.

IRIAS, Everton Arruda. Kuduro e semba: quando o cabelo crespo entra na dança. In: NEIRA, Marcos Garcia (Org.). **Escrevivências da Educação Física cultural**. São Paulo: FEUSP, 2023. p. 129-139.

JUCÁ, Luan Gonçalves; MALDONADO, Daniel Teixeira. Marcadores Socioculturais, Interseccionalidade e Educação Física Escolar: Premissas de um currículo crítico-libertador no ensino médio integrado dos institutos federais. **Diversidade e Educação**, v. 12, n. 2, p. 812–837, 2024. Disponível em: https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/16931. Acesso em: 15 jul., 2025.

JUCÁ, Luan Gonçalves; MALDONADO, Daniel Teixeira; FONSECA, Michele Pereira de Souza. Por uma práxis político-pedagógica inclusiva e crítica na Educação Física Escolar. **Temas em Educação Física Escolar**, Rio de Janeiro, v. 10, p. 1-24, 2025. Disponível em: https://portalespiral.cp2.g12.br/index.php/temasemedfisicaescolar/article/view/4322. Acesso em: 11 set., 2025.

LIMA, Telma Cristiane Sasso; MIOTO, Regina Célia Tamaso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Revista Katál**. Florianópolis, v. 10, n. esp, p. 37-45, 2007. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rk/a/HSF5Ns7dkTNjQVpRyvhc8RR/abstract/?lang=pt. Acesso em: 15 jul., 2025.

LIMA, Marcelo Ferreira; MÜLLER, Arthur. A dança "vogue" e o debate de gênero no Ensino Médio. In: NEIRA, Marcos Garcia (Org.). **Escrevivências da Educação Física cultural**. São Paulo: FEUSP, 2023. p. 186-195.

MALDONADO, Daniel Teixeira. Educação Física Escolar, pensamento freireano e pedagogia crítico-libertadora. **Revista de Educação Popular**. Uberlândia, v. 24, n. 1, p. 39-59, 2024. Disponível em: https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/71968. Acesso em: 15 jul., 2025.

MALDONADO, Daniel Teixeira; BOCCHINI, Daniel. Educação Física Escolar e as três dimensões do conteúdo: tematizando as danças na escola pública. **Conexões**: revista da faculdade de Educação Física da UNICAMP. Campinas, v. 12, n. 1, p. 181-200, 2014. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/2187. Acesso em: 15 jul., 2025.

MALDONADO, Daniel Teixeira; FREIRE, Elisabete dos Santos. Produção Curricular na área de Educação Física: possíveis apontamentos de uma virada epistemológica no cotidiano escolar. In: **Saberes de professores e professoras de Educação Física**: docência, pesquisa e o currículo em ação. Curitiba: CRV, 2022. p. 39-50.

MALDONADO, Daniel Teixeira; NEIRA, Marcos Garcia. Resistências e transgressões na prática político-pedagógica da Educação Física. **Currículo sem Fronteiras**. v. 22, p. 1-31, 2022. Disponível em: http://curriculosemfronteiras.org/vol22articles/maldonado-neira.pdf. Acesso em: 15 jul., 2025.

MALDONADO, Daniel Teixeira; PRODÓCIMO, Elaine. Por uma epistemologia crítico-libertadora da Educação Física Escolar. **Revista Brasileira de Educação Física Escolar**. Ano VII, v. 3, p. 6-23, 2022. Disponível em: https://www.rebescolar.com/Conpefe/por-uma-epistemologia-cr%C3%ADtico-libertadora-da-educa%C3%A7%C3%A3o-f%C3%ADsica-escolar-. Acesso em: 15 jul., 2025.

MARTINS, Jacqueline Cristina Jesus. Dançando pelo Brasil. In: NEIRA, Marcos Garcia. (Org.) **Educação Física cultural**: o currículo em ação. São Paulo: Labrador/Fapesp, 2017. p. 100-1

MASELLA, Marina Basques *et al.* Do forró à capoeira, diversidade e culturas populares na EMEI Nelson Mandela em tempos de pandemia. In: NEIRA, Marcos Garcia (Org.). **Escrevivências da Educação Física cultural**. São Paulo: FEUSP, 2021. p. 198-223.14.

MOREIRA, Vinicius dos Santos; SIQUEIRA, Thales Rodrigo; MARQUES, Bruna Gabriela. O grito dos excluídos: tematização do hip hop nas aulas de Educação Física Escolar. *In:* FREIRE, Elisabete dos Santos et al (Orgs). **Saberes de professoras e professores de Educação Física:** docência, pesquisa e o currículo em ação. Curitiba: CRV, 2022. p. 157-174.

NASCIMENTO, Aline Santos. Vai se tratar garota": tematizando as dancinhas do TikTok. *In:* NEIRA, Marcos Garcia (Org.). **Escrevivências da Educação Física cultural.** São Paulo: FEUSP, 2020. p. 31-52.

NEIRA, Marcos Garcia. **Educação Física cultural**: inspiração e prática pedagógica. Jundiaí: Paco, 2018.

NEVES, Marcos Ribeiro. O maracatu nas aulas de Educação Física: exu, macumba e outras significações, o sangue de Jesus tem poder. In: NEIRA, Marcos Garcia (Org.). **Educação Física cultural**: o currículo em ação. São Paulo: Labrador, 2017. p. 163-177.

NEVES, Marcos Ribeiro. Diferentes significações sobre o k-pop. In: NEIRA, Marcos Garcia (Org.). **Escrevivências da Educação Física cultural**. São Paulo: FEUSP, 2021. p. 224-233.

NOBREGA, Carolina Cristina dos Santos. Por uma educação física antirracista. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, Brasil, v. 34, n. Esp., p. 51–61, 2020. Disponível em: https://revistas.usp.br/rbefe/article/view/173145. Acesso em: 15 jul., 2025.

NOBREGA, Carolina Cristina dos Santos. **Perspectiva negra na educação física**. São Paulo:Editora Casa Flutuante, 2023.

NOGUEIRA, Valdilene Aline; MALDONADO, Daniel Teixeira; FREIRE, Elisabete dos Santos. A construção coletiva de princípios epistemológicos, políticos e pedagógicos da Educação Física Escolar libertadora. **Revista de Educação Popular**, p. 296-319, 2023. Disponível em: https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/69138. Acesso em: 15 jul., 2025.

OBLACK, Clara Fernandes; MALDONADO, Daniel Teixeira. Práticas corporais e relações de gênero na Educação Infantil: análise das práticas político-pedagógicas de pedagogos(as) e professores(as) de Educação Física. **Temas em Educação Física Escolar**, Rio de Janeiro, v. 9, publicação contínua, p. 1-23, jan./dez. 2024. Disponível em: https://portalespiral.cp2.g12.br/index.php/temasemedfisicaescolar/article/view/4181. Acesso em: 15 jul., 2025.

OLIVEIRA, Dayane Maria. Trilhando o ritmo Sertanejo. In: NEIRA, Marcos Garcia (Org). **Educação Física Cultural**: o currículo em ação. São Paulo: Labrador, 2017. p. 42-52.

OLIVEIRA, Ingrid Patrícia Barbosa; BATISTA, Alison Pereira; MEDEIROS, Rosie Marie Nascimento. Educação Física e a linguagem do hip hop: um diálogo possível na escola. **Conexões**: revista da faculdade de Educação Física da UNICAMP. Campinas, v. 12, n. 2, p.

166-189, 2014. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/2175. Acesso em: 15 jul., 2025.

OLIVEIRA JÚNIOR, Jorge Luiz. De danças clássicas ao "dance se souber": tematização de estilos de dança. In: NEIRA, Marcos Garcia (Org.). **Escrevivências da Educação Física cultural**. São Paulo: FEUSP, 2023. p. 219-231.

PIRAGIBE, Valentina. Funk: uma experiência com o currículo cultural de Educação Física no Ensino Médio. In: NEIRA, Marcos Garcia (Org.). **Escrevivências da Educação Física cultural**. São Paulo: FEUSP, 2020. p. 211-220.

QUARESMA, Felipe Nunes. Sofrência: entre xs muitos elxs". In: NEIRA, Marcos Garcia (Org). **Educação Física Cultural**: o currículo em ação. São Paulo: Labrador, 2017. p. 73-84.

REIS, Ronaldo. "O telefone tocou novamente" ... tematizando o samba rock na Educação Física. In: Neira, Marcos Garcia (Org.). **Escrevivências da Educação Física cultural**. São Paulo: FEUSP, 2020. p. 196-206.

RODRIGUES, Renata Marques. Conhecendo o mundo na escola: uma intervenção com a dança na Educação infantil. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 6, n. 1, p. 80-90, 2015.Disponível em: http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/2084. Acesso em 15 jul., 2025.

RODRIGUES, Cesar Lins; NEIRA, Marcos Garcia. Culturas negras e educação física escolar: tematizando o samba. In: CORSINO, Luciano Nascimento; CONCEIÇÃO, Willian Lazaretti. **Educação Física Escolar e relações étnico-raciais**: subsídios para a implementação das Leis 10.639/03 e 11.645/08. Curitiba: CRV, 2016. p. 71-90.

SANTANA, Thiago José Silva. Educação Física no Ensino Fundamental: reflexões sobre as práticas de ensino para uma educação antirracista. *In:* NOBREGA, Carolina Cristina dos Santos (Org.). **Perspectiva negra na Educação Física**. São Paulo: Editora Casa Flutuante, 2023. p. 70-101.

SANTOS, Ivan Luis; NEVES, Marcos Ribeiro. Tematizando o frevo: diversidade, pluralidade ou diferença – o que está em jogo? In: NEIRA, Marcos Garcia; NUNES, Mario Luiz Ferrari (Orgs.). **Educação Física cultural**: escritos sobre a prática. Curitiba: CRV, 2016. p. 225-234.

SANTOS, Luiz Alberto; NUNES, Hugo César Bueno. "Riscando a faca" no Raimundo Correia. In: NEIRA, Marcos Garcia; NUNES, Mário Luiz Ferrari. LIMA, Maria Emilia (Orgs.). **Educação Física e culturas**: ensaios sobre a prática – volume 2. São Paulo: FEUSP, 2014. p. 203-220.

SILVA, Emerson Santos; MALDONADO, Daniel Teixeira. Educação Física "com" a Educação Infantil: uma experiência político-pedagógica inspirada no currículo crítico-libertador. **Temas em Educação Física Escolar**, Rio de Janeiro, v. 9, p. 1-27, jan./dez. 2024. Disponível em: https://portalespiral.cp2.g12.br/index.php/temasemedfisicaescolar/article/view/4014. Acesso em: 15 jul., 2025.

SOARES, Josias Góis, LETTNIN, Carla da Conceição. Hip Hop como proposta de trabalho na Educação Física Escolar: uma experiência no Ensino Médio do Colégio de Aplicação da UFRGS. **Cadernos de Aplicação**. Porto Alegre, v. 23, n. 2, p. 295-307, 2010. Disponível

em: https://seer.ufrgs.br/index.php/CadernosdoAplicacao/article/view/17192. Acesso em: 15 jul., 2025.

SOARES, Carmen Lúcia *et al.***Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

SOUSA, Cláudio Aparecido *et al.* A tematização do sertanejo nas aulas de Educação Física: o círculo de cultura como inspiração para a prática pedagógica. **Motrivivência**. Florianópolis, v. 32, n. 62, p. 1-17, 2020.

SOUSA, Cláudio Aparecido; MALDONADO, Daniel Teixeira; NEIRA, Marcos Garcia. Círculo de cultura e educação física: a tematização do funk na escola. **Kinesis**, Santa Maria v. 36, n. 1, jan - abr., p. 116 – 129, 2018. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/kinesis/article/view/27299. Acesso em: 15 jul., 2025.

TAVARES, Marie Luce. Se ela dança, eu... e quem mais dança? – a dança como conteúdo da Educação Física e o convite à discussão de gênero. In: MALDONADO, Daniel Teixeira; NOGUEIRA, Valdilene Aline; FARIAS, Uirá de Siqueira (Orgs.). **Educação Física Escolar no Ensino Médio**: a prática pedagógica em evidência. Curitiba: CRV, 2018. p. 213-230.

TORRES, Ana Carolina; QUARESMA, Felipe Nunes; SANTOS JÚNIOR, Flávio Nunes. Corpos In-transe: a ciranda e o funk no jogo por conhecimentos e afetos outros. In: NEIRA, Marcos Garcia (Org.).**Escrevivências da Educação Física cultural**. São Paulo: FEUSP, 2020. p. 42-64.

VARELLA, Ana Paula Francisco Torres *et al*. Práticas político-pedagógicas contra hegemônicas da Educação Física na Educação Infantil. **Cenas Educacionais,** Caetité - Bahia - Brasil, v.7, n.e17635, p.1-37, 2024. Disponível em: https://www.revistas.uneb.br/index.php/cenaseducacionais/article/view/17635. Acesso em: 15 jul., 2025.

VIEIRA, Pollyane Barros Albuquerque; FREIRE, Elisabete dos Santos; RODRIGUES, Graciele Massoli. Folguedos juninos: o ensino da dança sob a perspectiva das dimensões dos conteúdos.**Motrivivência**. Florianópolis/SC, v. 30, n. 55, p. 248-257, 2018. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2018v30n55p248. Acesso em: 15 jul., 2025.

YAMAMOTO, Tamires Yoshimi Maekawa; JUCÁ, Luan Gonçalves; MALDONADO, Daniel Teixeira. Fundamentos epistemológicos, políticos e pedagógicos da Educação Física Escolar inclusiva. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades-Rev. Pemo**, v. 6, p. e10825-e10825, 2024. Disponível em: https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/10825. Acesso em: 15 jul., 2025.

Contribuições da autoria

Camilly dos Santos Oliveira: Conceitualização, Investigação, Redação.
Daniel Teixeira Maldonado: Supervisão/Orientação, Redação.

Data de submissão: 15/07/2025
Data de aceite: 16/09/2025